



UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO SUJEITO IDOSO EM “A VIDA COMO ELA É”

Roberta Tiburcio Barbosa

Universidade Estadual da Paraíba; robertatiburcio02@hotmail.com

Fernanda Félix da Costa Batista

Universidade Estadual da Paraíba; fernanda_p1@hotmail.com

Resumo: A velhice foi vista tradicionalmente como um momento de espera, de passividade, no qual não mais se produzia, e os idosos eram meros telespectadores do curso da vida. Entretanto, no século XXI emergiu uma nova concepção para a velhice, que passou a ser considerada “a melhor idade”, julgando os idosos capazes de realizar atividades que antes eram voltadas apenas para os jovens. Na contemporaneidade, os idosos têm uma vida ativa, saudável, física e mentalmente, e são capazes de produzir conhecimentos necessários para o progresso da humanidade. Esta é a “verdade da época”, segundo Michel Foucault, aqueles que eram desmerecidos em tempos passados, hoje são valorizados. Diante deste novo olhar sobre a velhice, objetivamos analisar de que forma a identidade do sujeito idoso se transforma. Fundamentados na perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa, e usando por base as crônicas “Gagá”, “Vinte e cinco anos de casados” e “O netinho, de Nelson Rodrigues, publicadas na obra “A vida como ela é”, procuramos discutir as faces da velhice no mundo moderno e desmistificá-la diante dos estereótipos que ainda permanecem vivos na sociedade. Os processos que envolvem os sujeitos no seu contexto sócio-histórico são fatores de reflexão tanto no ambiente escolar quanto nos demais espaços sociais, tais discussões possibilitam o surgimento/compreensão de novos conceitos e a extinção de antigos preconceitos, que promovem segregações entre os grupos por meio da faixa etária de seus integrantes.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Identidade, Idoso.



Introdução

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”
(FOUCAULT, 1996. *Apud* DOMINGOS, 2009. p. 21)

A vida é por natureza um ciclo, nascemos, crescemos, reproduzimos e morremos, já diriam os cientistas. Conseqüentemente, o espaço entre o penúltimo e o último processo da vida foi, por muito tempo, tido como uma fase improdutiva, insignificante, apenas um momento de espera. Mas, quem são esses que esperam pela morte? Os idosos! Então, quando se está passando pelo período da velhice, o sujeito não é mais capaz de grandes feitos, é apenas um objeto usado, esperando para ser descartado?

Não é bem assim, pelo menos não agora. Desde o final do século XX, a velhice é considerada a era da melhor idade. Em uma fase em que são possíveis novas descobertas, os idosos têm uma vida ativa, saudável, física e mentalmente e são capazes de produzir conhecimentos necessários para o progresso da humanidade. É o que Michel Foucault chama de “verdade da época”, aqueles que eram desmerecidos em tempos passados, hoje são valorizados e admirados pelos seus feitos.

De que forma se alcançou essa realidade? E onde ela se apresenta? Ou seja, quais são os discursos que mostram essa evolução do sujeito idoso social e historicamente? Quando os discursos mudam representam a transformação de visões acerca de determinados sujeitos, se percebe essa transformação em todos os âmbitos sociais, e principalmente na linguagem, podendo se desdobrar em várias faces: no rádio, na TV, no cinema, na internet, na Literatura, etc.

Considerando a ótica foucaultiana sobre o discurso, objetivamos analisar como se constrói o sujeito idoso no Brasil, por meio do estudo das crônicas “Gagá”, “Vinte e cinco anos de casados” e “O netinho”, de Nelson Rodrigues, publicados na obra “A vida como ela é”, desta forma, pretendemos observar de que forma a velhice se apresenta e é vista discursivamente na sociedade atual, dentro ou fora do ambiente escolar.



Metodologia: contextualizando o campo da Análise do Discurso

A Análise do discurso, doravante AD, tem Pêcheux como seu principal fundador e passou por diversas mudanças ao longo do tempo. Ao estudar e dialogar com outros pensadores, como Bakhtin, Foucault, Lacan, etc, Pêcheux reformulou alguns dos conceitos da AD, sempre na tentativa de tornar os estudos discursivos verdadeiros objetos de análise dos fatores cotidianos expressos nas várias formas de linguagem. Essa reformulação conceitual ocorreu em três momentos.

No primeiro momento, AD1, são considerados os discursos homogêneos e o sujeito assujeitado, a partir da noção de maquinaria discursiva, geradora de discursos fechados em um determinado momento, de modo que os próprios sujeitos são produtores de seus discursos sob a forma de paráfrase, o que os fazem ser repetidos. Dessa forma, o sujeito é considerado assujeitado na maquinaria discursiva, com a ilusão de ser fonte do discurso, mas na verdade é apenas mais um reprodutor do que já foi dito.

Em um segundo momento, na AD2, Pêcheux refina a análise das relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito; é tomada de empréstimo da obra de Michel Foucault, a noção de formação discursiva, que é constituída de outras formações discursivas e de elementos que vêm do seu interior, e assim começa a desestabilizar a maquinaria estrutural fechada da AD1; aparece a noção de interdiscurso, referindo-se ao entrecruzamento de diferentes discursos constitutivos de uma determinada formação discursiva; e traz novamente a noção de sujeito discursivo como efeito de assujeitamento à formação discursiva com qual ele se identifica. Nas palavras de Fernandes (2007),

Uma formação discursiva não se limita a uma época apenas; em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e, conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentido. (p. 59)

Posteriormente, na AD3, a posição do sujeito é debatida e ocorre uma desconstrução da noção de maquinaria discursiva fechada. A enunciação passa a ser abordada, e a ideia de homogeneidade atribuída à noção de condições de produção do discurso é abandonada, iniciando-se as reflexões sobre a heterogeneidade do discurso e a alteridade, levando à discussão sobre o discurso-outro. Também reflete-se a respeito do sujeito do discurso, do espaço de memória e da própria AD.



É na memória discursiva que estão guardados os acontecimentos do plano sócio-histórico-cultural dos sujeitos. Ela revela como os sujeitos eram e são constituídos socialmente, dessa forma, é possível apreender o sujeito por meio do discurso.

Foucault não só afirma que existem diferenças no discurso ao longo do tempo, mas esclarece que as diferenças se encontram em todos os campos, “nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história é a diferença dos tempos, nosso eu, a diferença das máscaras” (FOUCAULT, 2009a, p. 149. *Apud* FISCHER, 2013, p. 126-127)

O discurso, para Foucault, está diretamente ligado às relações de poder existentes na sociedade. O sujeito, seja com relação à sujeição, seja quanto às aberturas e possibilidades de recusa e de resistência ou simplesmente quanto à sua constituição ética, pode se constituir de diferentes formas.

A análise enunciativa foucaultiana objetiva chegar à complexidade das práticas discursivas, no interior das quais se forma um determinado objeto. Foucault acreditava que os discursos não são meros conjuntos de signos que remetem a conteúdos e representações, mas são práticas que formam sistematicamente o objeto de que tratam. Segundo o filósofo,

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais do que utilizar esses signos para designar as coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (*Op. cit.*, p. 130)

Foucault acreditava que a palavra possui enorme poder, sendo capaz de possibilitar uma verdadeira batalha entre sujeitos sociais, de acordo com a ideologia desses indivíduos. A sociedade vive em constante estado de alerta, com classes lutando por seus ideais, em confronto com as posições de outros. O sujeito é polifônico e resulta de discursos outros e do interior do próprio dizer,

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes a perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009b, p. 8-9. *Apud* FISCHER, 2013, p. 131)



Há sempre um perigo incontrolável no que se diz, afirma Foucault. As coisas ditas revelam a condição de desejo e poder dos sujeitos, que estão sempre querendo classificar seu enunciado como verdadeiro, querem ser os detentores da verdade. Porém, a verdade é relativa à época, à posição dos sujeitos, não existe uma verdade única e absoluta.

As “sociedades do discurso” se caracterizam por criar discursos inteligíveis apenas a determinado grupo, como os médicos, por exemplo, as outras pessoas que não fazem parte deste grupo ficam a parte, construindo-se um polo detentor de poder, o poder do discurso.

Em uma análise discursiva foucaultiana, falar a respeito do sujeito é multiplicar esse sujeito, mostrando as diferentes formas de pensá-lo. “Quem fala nesse texto? E de que lugar fala? De que autoridade se investe alguém para falar aqui e não em outro espaço? Quem pode falar sobre isto? Quais as regras segundo as quais a alguém é permitido falar isto ou aquilo, neste ou naquele lugar?” (FISCHER, 2013, p.133)

O sujeito do discurso não é um ser individual, uma pessoa, é uma posição que alguém assume, frente a um certo discurso. Essa posição se divide em várias cenas enunciativas, as quais serão descritas no processo de análise discursiva, tendo como foco mostrar a pluralidade dos enunciados a partir das posições do sujeito.

As transversalidades, para Foucault, marcam o discurso constituindo-o de práticas na diagonal, nas quais um enunciado se encontra com outros, se afirmam, se contradizem, levantam questionamentos, etc,

O tipo de análise que pratico não trata do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. Portanto, o poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT, 2003, p. 252. *Apud FISCHER, 2013, p.145*)



Resultados: a vida do idoso como ela é....

Publicada durante dez anos na coluna “A vida como ela é”, no jornal “Última hora”, as histórias de Nelson Rodrigues traziam os dramas e tragédias cotidianas de personagens, vindas de famílias tradicionais dos subúrbios e da classe média carioca, que se instalavam em Copacabana nos anos 1950. Essas histórias originaram o livro homônimo, de grande sucesso na literatura nacional e internacional.

Embora a obra de Nelson Rodrigues retrate a vida de personagens localizadas no século XX, é possível observar muitas semelhanças com a contemporaneidade dos fatos. As três crônicas aqui abordadas, “O netinho”, “Vinte e cinco anos de casados” e “Gagá”, trazem os dilemas da vida de pessoas que estão passando pela idade madura frente a um mundo que tende a tentar excluí-las por meio do poder do discurso.

“O netinho” apresenta um sujeito que se encontra nos últimos momentos de vida, esperando apenas ter um neto para realizar todos os seus sonhos terrenos. Os enunciados presentes na obra ratificam a ideia de que ser “velho” é não ser mais capaz de conquistas próprias:

Já com o sentimento de morte próxima, chamou a esposa e a filha única. Começou, patético:

— Sou um homem liquidado! A mulher fez o que lhe competia, protestou:

— Mas que bobagem! Liquidado por quê? Ora veja! Por sua vez a filha muito bonitinha, nos seus 19 anos, bateu na madeira: “O senhor é muito cismado, papai!”

Ele teimou:

— Sei o que digo. Estou mais pra lá, que pra cá. Qualquer dia desses, estouro. Queria ser duro, mas tinha os olhos marejados. Pigarreou, clareando a voz e disse:

— Mas, antes de morrer, eu queria duas coisas: primeiro ver a minha filha casada. Segundo: conhecer o meu neto. (RODRIGUES, 2009, p.564)

Curiosamente, a idade das personagens de Nelson não caracterizam o idoso atual, maior de sessenta anos. Eles eram velhos poucos anos antes de chegar à essa idade, é como um fatalismo, como uma condenação: “você está ficando velho, coitado”. Para piorar a situação, a personagem está doente e não tem nome na obra, é tratado apenas como “o velho”.

O discurso aqui é excludente, remete à verdade de uma época em que os mais velhos não têm mais utilidade. Em que são meros espectadores dos mais novos. Por serem mais maduros



perdem a própria identidade. São chamados de “velhos”, e não têm nada para ser observado de significativo.

O perigo do uso de determinados enunciados no texto reside na demonstração do desejo dos mais jovens de tornar o idoso algo irrelevante socialmente, tido como “patético”, e de manter o discurso que dá poder aos mais fortes e jovens de determinar o destino e as escolhas que os outros devem seguir. O dito nesses enunciados revela a vontade de sujeitos contrários ao idoso e que julgam ser os jovens os únicos detentores da verdade e capazes de realizar grandes feitos.

Em “O netinho”, a personagem assume e se identifica com a caracterização que os outros lhe dão, se considera velho para ser capaz de grandes proezas, acredita que o máximo que pode fazer, e quase sem conseguir, é esperar os netos que sua filha lhe dará. Esse sujeito, apresentado nessa crônica, reporta-se a uma postura que tende a excluir e subalternizar os mais velhos, marcando a capacidade, física e intelectual, das pessoas de acordo com a sua idade.

Na crônica “vinte e cinco anos de casados” nota-se que o idoso não é mais um sujeito passivo, submisso ao poder dos mais jovens. Estamos diante de outra verdade. Prestes à sua festa de bodas de prata, Dr. Hildegardo se vê convidado por seu melhor amigo a ir para um bordel se encontrar com uma jovem mulher. Após relatar com medo da sua mulher e da filha, decide enfrentar a nova aventura. É a partir desse momento que Hildegardo se reconhece capaz de ter uma vida tão emocionante quanto a dos tempos de juventude e não se deixa mais dominar pela rotina cotidiana, muda sua vida ao ponto de pedir o divórcio da mulher com quem viveu por um grande período de sua vida.

Hildegardo representa um sujeito que faz parte de uma época em que a sociedade não aceita como verdadeiro o discurso da capacidade das pessoas classificadas pelos anos de vida. Embora a personagem de “O netinho” viva numa época igual a de Hildegardo, aquele se deixa levar por uma visão que está presente em enunciados que se cruzam com os que buscam a valorização do idoso, de forma a tentar contestar o enunciado anterior. Isso ocorre porque a verdade não é só relativa à época, mas também à posição do sujeito.

“Vinte e cinco anos de casados” revela que o sujeito idoso é não só capaz de ter um trabalho produtivo, uma vez que a personagem é bem-sucedida financeiramente, mas mostra que velhice não é sinônimo de falência da vida sexual das pessoas, ratifica que os mais velhos não são



apenas capazes de acompanhar o fôlego dos jovens sexualmente, são capazes de superá-los, como Hidelgado supera o seu genro e o aconselha a se livrar daquela vida “sem emoções”.

Na crônica “Gagá”, se revela todo o poder que os mais velhos têm sobre os mais jovens, ocorrendo assim uma inversão de papéis, uma sobreposição de verdades. A posição do sujeito idoso é uma posição de destaque, possui a capacidade de agir sobre as pessoas e o ambiente ao seu redor, produzindo novos enunciados, que se confrontam com os antigos e, em ação conjunta, desvelam os entrecruzamentos enunciativos.

Ao mesmo tempo em que a jovem Lourdinha, recém-chegada no novo emprego vê os rumores sobre as conquistas amorosas do seu chefe e não consegue compreender que ameaça poderia ter um idoso frente ao seu noivo jovem e viril, o discurso de Maviel procura dar-lhe a certeza de que a idade avançada o faz incapaz de buscar algum envolvimento sexual com ela:

Transformava a própria velhice num argumento invencível: “O velho tem suas vantagens. Primeiro: não ameaça ninguém.” Novamente, pousou a mão na cabeça da pequena: “Sou uma ameaça pra ti, um perigo?” Ele próprio daria a resposta terminante: evidentemente não. “Com meus cabelos brancos, a única coisa que eu posso ser, no duro, é uma espécie de Papai Noel.” Estacou e, já agora, segurava a ponta do queixo de Lourdinha. Baixo, perguntou: “É ou não é?” Admitiu:
— É. (RODRIGUES, 2009, p.473)

Maviel não é retratado por seus funcionários como um velhinho decadente, mas como um senhor sedutor e um grande executivo, ao passo que ele se coloca na posição de incapaz, fazendo uso de um discurso subalternizado. Os diferentes pontos de vista dos sujeitos se revelam por meio das personagens da crônica e do desdobramento da história, no momento em que Lourdinha se rende à sua atração por Maviel:

“Seu Maviel o senhor está zangado comigo?” Ergueu-se, pálido. Gaguejou: “Eu?”
Continuou, sem desfitá-lo:
— O senhor nunca mais me chamou. Parece até, que está me evitando!
O velho arriou na cadeira giratória: “Estou velho, muito velho...” Teve ainda um desabafo brutal: “Não sou nada, nada, diante do teu noivo. Aquilo é que é homem!” Então, aquela menina de 17 anos, fez a volta da mesa, numa espécie de fascinação. Apertou o rosto do chefe entre as mãos, beijou-o na boca, muitas vezes.
(*op. cit.*, p.475)



Ao deixar seu noivo jovem e forte por um homem mais velho e sedutor, a garota nega os enunciados que tendem a rejeitar as capacidades dos idosos, e faz com que se afirme a igualdade entre os sujeitos, independentemente dos anos que tenham de vida e que se afirme a vivacidade das atividades sexuais dos idosos.

Nota-se nessas três crônicas as diferenças de enunciados presentes no Discurso que molda o perfil do sujeito idoso no Brasil. Essas diferenças sempre vão existir e são benéficas, como defendia Foucault, elas representam e produzem mudanças nas esferas históricas e sociais, elas desvelam os entrecruzamentos dos enunciados existentes a respeito de um sujeito, que não se trata aqui de uma única pessoa, mas de um grupo social pertencente a um mesmo contexto enunciativo.

Discussão: a identidade do idoso e a escola

É papel da escola desenvolver atividades didático pedagógicas que se relacionem com o cotidiano dos alunos, que dialoguem com a sua realidade social, promovendo o desenvolvimento intelectual do alunado e contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes socialmente.

Ao incluir o estudo do discurso na escola, o professor encontra um meio eficaz de atender a grande parte dos objetivos para o ensino estipulados pelos PCNs¹, como “sistematizar um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno participe do mundo social” (BRASIL, 1998, p.5).

Ao inserir a questão dos idosos na sociedade dentro do ambiente escolar, o professor, ao mesmo tempo em que facilita o processo ensino-aprendizagem, coloca os alunos diante de temas que lhes influenciam diretamente. Por meio do envolvimento crítico e consciente dos alunos no que concerne à postura dos idosos e da sociedade frente à velhice, a escola possibilita uma convivência mais justa e democrática, à medida que coloca os sujeitos em condição de paridade, sem excluir ou marginalizar nenhum grupo.

É por meio de um trabalho com a linguagem em sala de aula que os alunos são capazes de perceber que os sujeitos mudam com a sociedade, e vice-versa, e refletir a respeito de suas posturas pretenciosas e preconceituosas com relação a um grupo discriminado socialmente.

¹ Parâmetros Curriculares Nacionais



Conclusão

O sujeito idoso aqui estudado, por meio da obra de Nelson Rodrigues, é o sujeito histórico-social, polifônico, que se molda e se constitui no e pelo discurso, de formas diversas, que se entende e se faz entender em relação aos enunciados que perpassam o discurso.

O estudo da linguagem a partir do viés discursivo é importante não só no cotidiano, mas, principalmente, no meio escolar. Fazer com que os alunos percebam como a linguagem não só representa as coisas do mundo, mas acima de tudo é responsável pela construção dessas coisas, é necessário para que o alunado tenha uma postura realmente crítica em relação aos fatores sociais e consigam identificar a força dos seus dizeres.

Nesse sentido, podemos construir uma sociedade mais igualitária na medida em que observamos o poder da linguagem, do discurso, tanto de manter, quanto de desestruturar esquemas separatistas sócio-históricos.

Referências

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Ensino Fundamental: Língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

DOMINGOS, J.J. **Discurso, poder e subjetivação: uma discussão foucaultiana**. João Pessoa: Marca da fantasia, 2009.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2.ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007

FICHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (org). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 124-151

MAZZOLA, Renan Belmonte. Análise do Discurso: um campo de reformulações. In: MILANEZ, Nilton. SANTOS, Janaina de Jesus (orgs). **Análise do discurso: sujeitos, lugares e olhares**. São Carlos, SP: Claraluz, 2009, p. 7-15.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é**. 14.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

